

ROMANCISTA DE SI MESMO: A HISTÓRIA PARA A VIDA E A HISTÓRIA COMO SISTEMA: UM DIÁLOGO ENTRE AS CONCEPÇÕES HISTORIOGRÁFICAS DE NIETZSCHE E ORTEGA Y GASSET

José Fábio da Silva¹⁴

“Nos mesmos rios entramos e não entramos, somos e não somos.”

Heráclito de Éfeso

RESUMO

Este trabalho propõe um diálogo entre a visão sobre a História presente nas obras *II Consideração Intempestiva: sobre a utilidade e o inconveniente da História para a vida*, de Friedrich Nietzsche, e *História como Sistema* de Ortega y Gasset. Visamos, a partir desses textos, esboçar a relação entre as experiências vividas cotidianamente e sua relação com a construção histórica na concepção desses autores. Para além da mera confrontação entre duas formas distintas de pensamento, procuraremos demonstrar como estes concebiam uma noção de história que não remetia meramente ao passado mas, sobretudo, ao presente e às possibilidades de projeção de futuro.

Palavras-chave: Teoria da História; Historicidade; Nietzsche; Ortega y Gasset.

INTRODUÇÃO

O texto que aqui se segue percorrerá dois caminhos paralelos. Num primeiro momento discorreremos sobre o papel da história perante o ser humano em sua vida prática cotidiana, na visão do filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900) e do espanhol José Ortega y Gasset (1883-1955) e num segundo momento, como estes dois autores buscaram superar o historicismo e a filosofia da história sem a necessidade de negá-las em sua totalidade. Ligados a uma visão perspectivista da história, ambos os autores buscaram unir, cada um a seu modo, uma visão heraclitidiana de mundo (na qual tudo flui, tudo é mudança) à necessidade do ser humano em dar sentido às suas ações no transcorrer do tempo. Em suma,

14 Mestre em História pela Universidade Federal de Goiás.

analisaremos à luz do pensamento desses dois autores como a narrativa histórica organiza e confere sentido ao constante fluxo de acontecimentos que constitui a existência humana. Para alcançar esses objetivos partiremos de textos específicos de cada um dos supracitados autores que abordam justamente a relação do ser humano com a História, a saber: *II Consideração Intempestiva: sobre a utilidade e o inconveniente da História para a vida*, de Friedrich Nietzsche, e *História como Sistema* de Ortega y Gasset.

Pretendemos, não somente destacar as semelhanças e/ou diferenças entre o pensamento dos dois autores mas, sobretudo, investigar a proposta de ambos em relação aos estudos históricos. Contrários a uma visão de história que meramente vislumbresse o passado, esses autores, cada um a seu modo, buscaram vincular a construção da história não somente ao tempo presente, mas à própria questão existencial humana elaborando, assim, uma reflexão sobre a história que não visava apenas a descobrir uma verdade sobre o passado, mas dar sentido à vida e construir as possibilidades de uma história que servisse à vida e também ao futuro da humanidade.

Para compreendermos o sentido e função dados à História para esses pensadores é preciso, antes mesmo de conceitualizar o que ambos compreendem por história, esclarecer o que os autores entendem por vida. Isso se faz necessário pois, tanto para um quanto para o outro, a história está intimamente atrelada à vida, não só enquanto possibilidade de registro e criação desta mas, também, como a possibilidade de manutenção da própria vida humana mediante a construção de sentido para ela. Obviamente, o conceito de vida nestes autores ultrapassa a mera noção biológica e é instaurada mediante a percepção da própria existência do ser humano consciente de si e do mundo à sua volta. Entretanto, o principal fator que define a vida humana para esses autores está associado aos valores morais. Não basta a consciência da própria finitude, a noção que seus valores é construída no curso do tempo. Mediante essa relatividade das crenças humanas no decorrer do tempo, o ser humano deve optar por agir desta ou de outra forma mediante as situações que o mundo lhe impõe. Dessa maneira, a vida é concebida perante escolhas moralmente conduzidas que têm por fim último a manutenção da existência da própria humanidade no tempo e no espaço.

NIETZSCHE: A HISTÓRIA COMO DOENÇA E SUA FUNÇÃO PARA A VIDA

Uma leitura rápida de *II Consideração Intempestiva: Sobre a utilidade e inconveniente da História para a vida* pode nos dar a falsa impressão que Nietzsche vê a História como um obstáculo para a realização da vida humana. Devido à sua linguagem agressiva, muitas vezes ficamos inclinados a ver nesse filósofo apenas as suas duras críticas à moral, à religião e à cultura europeia, e nos esquecemos de perceber a profundidade inerente a seu pensamento. Na supracitada obra, por exemplo, Nietzsche nos mostra não só a sua faceta crítica sobre os estudos históricos, mas também o seu lado pragmático sobre esta. Não é apresentado nenhum método relativo à maneira que deva ser conduzido os estudos sobre a História, ao contrário, para além da metodologia empregada, nesta obra Nietzsche se preocupa justamente em refletir sobre a função exercida pela História na vida humana. Em sua visão, a função da História não se resume apenas no estudo das questões concernentes ao passado mas, sobretudo, ao presente. Para Nietzsche, se a História não estiver ligada ao presente e pronta a propor um futuro, não tem utilidade nenhum para a vida. Dessa maneira, o autor não nega o uso dos estudos históricos, contudo defende que a História deve servir à vida e não o contrário.

Temos necessidade dela para viver e para agir, não para nos afastarmos comodamente da vida e da ação e ainda menos para enfeitar uma vida egoísta e as ações desprezíveis e funestas. Não queremos servir à História senão na medida em que ela sirva à vida. (NIETZSCHE, s/d: 68).

Nietzsche elaborou, dessa forma, uma crítica à ciência histórica produzida em seu tempo. Para ele, o homem moderno padecia de uma doença histórica na qual se preocupava em nada esquecer e, ao mesmo tempo, não utilizava todo esse conhecimento para um fim prático. Essa preocupação com a vida constituía-se em um ataque direto às duas grandes correntes históricas que despontaram no século XIX. De um lado, as Filosofias da História que entraram em ascensão com o Iluminismo e tinham Kant e Hegel como seus grandes representantes na Alemanha. As Filosofias da História menosprezavam, em certa medida, as experiências do passado e davam ênfase às possibilidades futuras, baseando, sobretudo, na ideia de progresso científico e tecnológico que levariam a humanidade a um estado de emancipação plena. Vista dessa forma, a História era concebida como um processo, como

uma sucessão infinita de acontecimentos.

Estes espíritos históricos acreditam que o sentido da existência se revela progressivamente no curso de um processo (*Prozesses*); eles só olham para trás para compreender o presente à luz do caminho percorrido e para aprender a desejar mais ardentemente o futuro; eles não sabem o quanto, apesar de todos os seus conhecimentos históricos, pensam e agem de maneira a-histórica, não sabem o quanto a sua atividade de historiador é ela própria comandada pela vida, e não pela busca de conhecimento. (NIETZSCHE, s/d: 79).

Esta corrente pode ser caracterizada como uma tentativa de abarcar toda a história da humanidade em uma linha de pensamento pretensamente universal e daí tirar conclusões de seu desenvolvimento histórico. O pensamento de Hegel, no qual a história “caminha de Leste para Oeste” e a Europa é o ápice da evolução da civilização humana, é o exemplo clássico dessa concepção histórica na qual “a culminância e o acabamento do processo universal coincidem com a sua própria existência berlinense.” (Idem: 145). Do outro lado, havia o historicismo, e seu caráter de construir uma história nacionalista.

Afastando-se da filosofia da história Iluminista, o historicismo abandonou não apenas o modelo teleológico da história universal, como também o princípio metodológico que, acima de tudo, segundo Schiller, marca o historiador universal e seu proceder: *vincular o passado ao presente* – um conhecimento imprescindível, apenas supostamente especulativo, o qual a escola histórica não podia impunemente desconsiderar. (JAUSS, 1994: 12).

Nietzsche não via a história com maus olhos, ao contrário, percebia nela as possibilidades não só de mudanças mas de permanências que garantiriam uma continuidade, um futuro. Discorre sobre a necessidade do uso da história que deve seguir a utilidade do momento presente vinculando, assim, o passado e seu conjunto de experiências para sustentar o presente e possibilitar o futuro.

A história (*Geschichte*), concebida como ciência pura e soberana, seria para a humanidade uma espécie de conclusão ou balanço da existência. A cultura histórica só é salutar e portadora do futuro na esteira de uma nova e poderosa corrente, quer dizer, unicamente quando ela é dominada e dirigida por uma força superior e não exerça ela mesma esta função diretora. (NIETZSCHE, s/d: 81).

Ao pensar a história em Nietzsche observamos a preocupação com o futuro, ou a necessidade de vincular presente, passado e futuro. Sendo assim, pensar a história não seria a

tentativa de lançar luz sobre os acontecimentos já ocorridos, mas “compreender que a vida tem necessidade do serviço da história” (Idem: 82) como uma forma de combate ao tédio e à resignação. Na concepção nietzscheana, os seres humanos se interessaram pela história por três razões: 1) porque agem e nessa ação perseguem um fim; 2) porque veneram e conservam o que foi; e 3) porque sofrem e têm a necessidade de libertação. “A estas três relações correspondem três formas de história, na medida em que é permitido distinguir aí uma história monumental (*monumentalische*), uma história tradicionalista (*antiquarische*) e uma história crítica (*Kritische*.” (Idem: 82). Em outras palavras, para cada uma dessas necessidades apontadas haveria também uma postura adotada perante a história, ou seja, a história se encarregaria de dar sentido ao passado a partir das necessidades constituintes do presente. Isso implicaria em um claro controle da história ou, fazendo um livre uso das palavras de Isaiah Berlin:

A minha visão dos factores significativos para a história pode ser profundamente afectada pelo meu desejo de exaltar ou denegrir a reputação de indivíduos ou de classes – um acto de livre apreciação de minha parte, como se defende. Desde que eu tenha consciência disso, posso julgar e seleccionar como bem entender: “os factos” nunca falam por si só – apenas eu, aquele que escolhe, que avalia, que julga, o posso fazer, e fazê-lo segundo minha vontade, de acordo com princípios, regras, ideais, preconceitos, sentimentos que posso livremente ver, examinar, aceitar ou rejeitar. (BERLIN, 1998: 146).

Temos em Nietzsche uma visão semelhante de se compreender a história assim, partindo das três formas de se conceber a história (monumental, tradicionalista e crítica), os seres humanos, visando às necessidades constituintes do presente, podem tanto trabalhar para a perpetuação de um espírito criador do novo quanto para a manutenção da realidade histórica na qual estão inseridos. Desta forma, cada uma dessas posturas frente aos estudos históricos apresentaria uma utilidade ou uso prático e também um inconveniente ou forma de resignação frente ao tempo.

Dessa maneira, a História Monumental ignora fatos do passado e exalta outros de forma mascarada, construindo uma visão poética da história, cultivando o passado e sufocando o presente. Sua utilidade se dá na medida em que o homem quer realizar grandes coisas no presente fazendo uso do passado para exaltar estas mesmas grandezas. O problema dessa forma de se conceber a história reside no fato desta cair nas mãos daqueles que conhecem a grandeza sem serem capazes de realizar grandes coisas.

A História Tradicionalista é aquela que tem o gosto pela veneração e pela conservação, que se volta para o mundo no qual foi formado, conservando o presente para o futuro. Auxilia, assim, aquele que se compraz com a rotina do hábito e o respeito às coisas antigas. Mostra sua face inconveniente diante daquele que conserva em piedade, que se esforça de tal forma para conservar que sufoca a possibilidade de que surja algo novo, o sentido histórico não mais conserva, mas mumifica a vida.

A História Crítica, por sua vez, se encarrega de julgar o passado, muitas vezes negando-o. Serve aos oprimidos pelo presente e quer, a todo custo, livrar-se desse fardo. “Se examina o passado de um ponto de vista crítico e se ataca com o machado as suas raízes” (Idem: 97). O inconveniente desta concepção reside na crítica sem necessidade, na qual a negação do passado culmina por propiciar a perda das origens.

O problema da história citada por Nietzsche reside, então, não na própria história, mas nas formas de seu uso, na maneira como cada presente usa o passado para dar sentido em suas formas de organização social. Sendo assim, para Nietzsche, a História deveria trabalhar em favor do novo, da juventude, “agir contra sua época, por conseguinte, sobre esta época e, esperamos nós, em benefício de uma época vindoura.” (NIETZSCHE, s/d, 70). O excesso do conhecimento histórico, no entanto, destruiria dois fatores necessários para a manutenção da vida humana, que são vistos pelo autor como o antídoto para essa doença histórica. O primeiro fator é designado por Nietzsche como “força a-histórica”, que é a faculdade de se esquecer. O esquecimento se mostra necessário justamente para evitar o excesso de informações e, em contrapartida, não se saber o que fazer com ele. Que, para a época moderna, serviria apenas para a ilustração e nenhum fim prático. O segundo fator é chamado de “força supra-histórica”, “são aqueles que desviam o olhar do devir e o levam para o que dá à existência um caráter de eternidade e de estabilidade” (Idem: 173). Este fator, apoiado em bases como a arte ou a religião, retiraria o ser humano da constante presença do relativismo oferecendo, assim, um solo firme para as suas realizações.

ORTEGA Y GASSET: A RAZÃO HISTÓRICA E A HISTÓRIA COMO SISTEMA

Assim como Nietzsche, Ortega y Gasset compreende a história como uma organizadora do conjunto de experiências que se apresentam à realidade humana. Ao contrário

do primeiro, no entanto, não estabelece uma crítica ao excesso de estudos históricos, e sim à aplicação de uma razão que não fosse conduzida por uma lógica científica (físico-matemática) na maneira de se pensar e conceber a história. Se em Nietzsche toda verdade é criada e a função da história é servir à vida mediante esse conjunto de verdades criadas, “Ortega está predominantemente voltado para compreender a trajetória do homem na história e para identificar os requisitos das formas autênticas de vida.” (JAGUARIBE, 1982, p. 16).

A realidade não é nem o mundo nem o eu, mas a relação de um com o outro. Por outro lado, as coisas, ao se darem em nossa vida, se dão sempre em perspectiva. A perspectiva é parte integrante da realidade das coisas, mediatizadas pela vida. E a realidade total não é senão a soma de todas as perspectivas possíveis. (Idem: 19).

De maneira radical, o ser humano é apenas um elemento biológico presente em um mundo previamente dado. Todavia, o ser humano não se confunde inteiramente com esse mundo, a vida humana distingue-se das demais, não se associa com a ideia de coisa, se projeta em um elemento para além da natureza. Dessa maneira, ao se dirigir à vida humana, tratar de elementos que apenas relatem sua constituição biológica ou formação química, atômica etc., é insuficiente para esclarecer o que de fato constitui a vida individual humana integrada em uma sociedade temporalmente formulada. “Eis o motivo pelo qual a fé na razão tem entrado em deplorável decadência. O homem não pode esperar mais. Ele precisa que a ciência lhe esclareça os problemas humanos, e se encontra já, no fundo, um pouco cansado de astros e reações nervosas e de átomos.” (Idem: 36). Em outras palavras, o conjunto de crenças que fundamentam a ciência moderna já se mostra insuficiente para colocar o ser humano individual frente à sociedade e ao curso temporal e, nestes, projetar um sentido ou destino para a humanidade.

Em seus escritos sobre história, notadamente “História como Sistema”, Ortega acentua o fato de que a experiência humana constitui um sistema, que é transmitido pela tradição, sob forma preservada e, de modo transformado, pelas mudanças históricas, graduais ou súbitas. Ante esse processo sistemático, Ortega exige um saber histórico igualmente sistemático, que não seja devorado pela topicidade dos eventos e pelo conjunturalismo. Exige uma razão histórica com categorias. A razão histórica tem para Ortega, nesse contexto, uma dupla significação. Como *ratio* humana, ele exprime a historicidade essencial da vida. A razão vital, no tempo, é a razão histórica. E por isso é dado ao homem uma genuína compreensão da historicidade. Por outro lado, como *logos* do histórico, ela tem categorias próprias, à semelhança da razão físico-matemática, como *logos* da natureza. (JAGUARIBE, 1982, p. 21).

A realidade radical humana não muda – nascemos, vivemos, morremos independente das estruturas socioculturais que a fundamentam –, para além disso, no entanto, o ser humano necessita constantemente reelaborar a realidade à sua volta. Precisa perceber dentro desta realidade uma mudança ou mesmo uma continuidade que lhe possibilite uma visão mínima de sua origem para que, dessa forma, veja sentido em projetar a própria vida para o futuro dentro de um conjunto de crenças que lhe informe uma possibilidade de destino a ser seguido. A partir da multiplicidade de acontecimentos que ocorrem no âmbito de uma sociedade, o indivíduo, incapaz de abarcar por si só toda essa realidade, se vê induzido a selecionar e organizar esses eventos em uma narrativa plausível. É preciso que este emaranhado de acontecimentos da vida se organize em uma estrutura narrativa que lhe imponha um sentido. Esse sentido deve impor-se à realidade individual cotidiana e constituir algo para além das histórias acontecidas, deve, de certa maneira, projetar-se em algo para além do tempo, mostrar-se enquanto uma estrutura sólida que abarca o fluxo contínuo do tempo.

Para Ortega, a vida humana é uma realidade estranha, “da qual o primeiro que convém dizer é que constitui a realidade radical, no sentido de que a ela devemos de referir todas as demais efetivas ou pressupostas, já que estas, de uma forma ou de outra forma, têm que aparecer nela.” (ORTEGA Y GASSET, 1984: 27). Assim se estabelecem as formas de organização e interpretação da realidade constituinte da vida humana. O ser humano produz sentido em sua existência por dois fatores básicos: o primeiro, ressaltado por Heidegger, por ser um ser-para-a-morte, está jogado no mundo e tem consciência da perecibilidade de sua existência; o segundo, enunciado por Ortega y Gasset, de “que o homem não tem outro remédio senão fazer alguma coisa para manter-se na existência” (1984, p. 27). O ser humano, todavia, não age sem antes decidir como agir e o faz mediante as condições e crenças à sua volta, que fazem parte do espaço de experiência que constitui o seu mundo. Esse conjunto de crenças é herdado de uma tradição prévia à existência do indivíduo, já é dado no mundo, historicamente, e forma o conteúdo de experiências herdadas que direcionam a ação humana. Direcionam, porém não são necessariamente determinantes irrefutáveis de suas escolhas.

Para Ortega y Gasset, as crenças que constituem o estado do homem são um “repertório” que fundamentam o indivíduo, a comunidade e a época e não possuem uma articulação lógica, “não forma um sistema de idéias, como o é, ou aspira ser, por exemplo, a filosofia” (1982,p. 27). Nesse repertório de crenças que se articula a vida humana:

Podemos dizer: o diagnóstico de uma existência humana – de um homem, de um povo, de uma época – deve começar identificando o sistema de suas convicções e, para isso, antes de mais nada, fixando sua crença fundamental, a decisiva e a que comporta e vivifica todas a demais. (Idem, p. 28).

O passado em Ortega y Gasset figura como um “limite” para a infinidade das experiências humanas. “As experiências de vida realizadas estreitam o futuro do homem. Se não sabemos o que ele vai ser, sabemos o que não vai ser. Vive-se em vista do passado.” (Idem, p. 49). Mais do que existir, o ser humano consiste em um acúmulo de experiências, constrói a sua presença, o que é a partir do que não é mais, do seu passado e, assim, projeta as possibilidades do que pode vir a ser. Cabe aqui ressaltar que a concepção de experiência em Ortega y Gasset assemelha-se à concepção hermenêutica, “a experiência humana é finita e, contudo, a finitude da consciência e sua experiência não excluem de maneira nenhuma uma consciência da infinidade da experiência” (ROHDEN, 2002: 95). Essa experiência, mesmo que remeta ao passado, é vivenciada sempre no presente, no âmbito da finitude que concebe a ideia de uma infinidade. A construção do modelo do que é o ser humano não se faz, assim, mediante o uso de uma razão lógica, mas de uma razão histórica capaz de confrontar a realidade radical do ser humano com o conjunto de experiências que fundamentam o seu repertório de crenças.

A sociedade herda, de suas origens remotas, um determinado núcleo cultural, que se expressa através de uma língua e contém um repertório fundamental de crenças, que se refletem na própria língua e em diversos usos. Esse núcleo cultural, como tudo o que é social, é algo histórico, que se modifica no curso do tempo, mas dentro de uma continuidade básica, assegurada pela tradição. Esta, entretanto, é, às vezes, sujeita a alterações mais bruscas e profundas, por certos eventos, como revoluções religiosas ou político-sociais, as grandes inovações científico-tecnológicas, as modas estéticas, e outros fatores de aceleração de ritmo da mudança social. (JAGUARIBE, 1982: 15).

Dessa forma, a história se constitui como a ciência do presente. Não é possível compreender uma realidade efetiva sobre o passado sem, ao menos, entendermos parte do conjunto de crenças vigentes em nossa própria época. Em outras palavras, torna-se extremamente inviável buscarmos um conhecimento acerca do passado sem antes haver uma reflexão tênue sobre as temáticas do presente. Em contrapartida, não podemos dizer nada sobre o presente se este não for buscado no passado. Isto, no entanto, não constitui uma contradição para Ortega, para ele “a história é um sistema – o sistema das experiências humanas, que formam uma corrente inexorável e única.” (1982, p. 51). Desta maneira, não se

explica o hoje sem o ontem, nem o ontem sem o anteontem e assim sucessivamente. O que não podemos é compreender o passado à maneira historicista, como um objeto isolado do presente. O passado não passa, por assim dizer, este se faz presente no indivíduo, na sociedade e na história.

A história é a ciência sistemática da realidade radial que é nossa vida. É, portanto, ciência do mais rigoroso atual presente. Se não fosse ciência do presente, onde iríamos encontrar esse passado que se acostuma atribuir-lhe como tema? O oposto, que é o de costume, equivale a fazer o passado uma coisa abstrata e irreal, que ficou inerte na sua época, quando o passado é a força viva e atuante que mantém o mundo hoje. Não há *actio in distants*. O passado não está lá, na sua data, mas aqui, em mim. O passado sou eu – se entende, a minha vida. (ORTEGA Y GASSET, 1982, p. 51).

Aproximando-se do pensamento nietzscheano, Ortega defende que o homem não pode ser algo definido, muito pelo contrário, ele é condenado à liberdade e à ação perante a vida que se apresenta “o homem é uma entidade infinitamente plástica, da qual pode ser feito o que bem se entender, justamente porque ela não é nada por si só, senão mera potência para ser ‘como quiser’” (*Idem*: 44). Não podemos dizer dessa maneira que o ser humano *é*, ele simplesmente *vive*. Nessa ação de viver, o ser humano elabora por meio de uma narrativa o sentido que o guia na inevitável variabilidade de si mesmo e do mundo que o cerca.

A razão histórica concebida por Ortega pretende não negar a possibilidade de se constituir uma narrativa sobre o passado, mas busca, diante disso, gerar uma narração compatível com o eterno fluir das coisas e do tempo. Ortega não critica como Nietzsche o historicismo e a ideia de progresso do ser humano. Para o autor, o historicismo tem o mérito de demonstrar o caráter mutável do homem. O que nele é condenável já fora apodado por Nietzsche, que é o não vínculo entre o passado e o presente, a história deve fazer uso do passado para elaborar suas ações no presente. Ortega ressalta que não basta definir o homem como um ser variável:

Do homem é preciso dizer, não apenas que o ser é variável, mas também que ele cresce e, nesse sentido progride. O erro do velho progressismo estribava em afirmar *a priori* que progride para melhor. Isso somente poderá dizer *a posteriori* a razão histórica concreta. Essa é a grande averiguação que dela esperamos, já que dela esperamos o esclarecimento da realidade humana e, com isso, do que é bom, do que é mau, do que é melhor e do que é pior. (*Idem*, p. 49).

A história deve se estabelecer, dessa forma, como uma averiguação não do passado, mas como uma reflexão sobre o presente a partir da diferença deste com o acúmulo de experiências herdadas por meio da tradição. O ser humano se configura assim como um

romancista de si mesmo, como de um programa de vida elaborado por ele próprio que se readapta constantemente às novas circunstâncias apresentadas pela vida, evitando sempre ser o que já foi. “Resumidamente, o homem não tem natureza, senão que... tem história.” (Idem, p. 49).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já foi ressaltado, a visão perspectivista desses autores não busca somente o sentido da história em si mas concentra-se, sobretudo, em observar como as necessidades e ações dos indivíduos no decorrer do tempo se modificam e influenciam na própria concepção do tempo e na maneira como a história passa a ser percebida em determinados contextos históricos revelando-nos, assim, a importância que a narrativa adquire na formulação, organização e elaboração de sentido para a vida, transformando um conjunto aparentemente aleatório de acontecimentos ocorridos no transcurso do tempo em uma estrutura pertencente a uma ordem cognitivamente compreensível. Conceber um enredo na organização dos acontecimentos se mostra como uma prerrogativa para os estudos históricos seja na crítica nietzscheana à tentativa de impor à história um caráter científico ou objetivo, seja na necessidade de uma razão histórica para compreensão e concepção do nosso ser:

Pensar a história como tendo um objetividade, este é o trabalho de um dramaturgo: juntar tudo pelo pensamento, relacionar cada acontecimento particular ao conjunto da trama, com base no princípio de que é preciso introduzir nas coisas uma unidade de plano, quando na realidade ela não está aí. É assim que o homem estende sua teia sobre o passado e se torna senhor dele, é assim que se manifesta o seu impulso artístico – mas não seu impulso para a verdade e para a justiça. (NIETZSCHE, s/d, p. 121).

O que foi que nos fez compreender, *conceber* o nosso ser? Simplesmente contar, narrar (...). E síntese, aqui o raciocínio esclarecedor, a *razão* narrativa. Para compreender algo humano, pessoal ou coletivo, é necessário contar uma história. Esse homem, essa nação faz tal coisa, e o faz *porque* anteriormente fez tal outra e foi tal outro modo. A vida somente se torna um pouco transparente ante a *razão histórica*. (ORTEGA Y GASSET, 1982, p. 48).

Para além dessa ordem que pode ser compreendida por meio dos estudos históricos, os autores também demonstram que a História não se reduz a desvendar cada uma dessas estruturas, mas também é responsável, à medida que a desvela e organiza novas estruturas, em

fundamentar o presente a partir das necessidades que se apresentam diariamente, relacionando o conjunto de histórias individuais com a história da comunidade na qual este indivíduo está inserido.

Podemos afirmar que encontramos tanto em Nietzsche quanto em Ortega y Gasset a constatação da visão de mundo inaugurada por Heráclito e posturas diferentes em relação à sua aceitação. Nietzsche, ao falar de forças supra-históricas, busca combater a constante presença do devir mediante a construção, por meio do uso da história, de um caráter de eternidade, algo de “fixo” que fundamente a ação humana. Fazendo referência aos gregos da época clássica e ao início do período helenístico, Nietzsche defende que, a exemplo desses gregos, o homem moderno deveria aprender, sem o excesso de estudos históricos, a organizar o caos voltando-se para si próprio e dando ouvidos às necessidades autênticas de sua época.

Vós então perguntais: mas como haveremos de alcançar este fim? O deus de Delfos dirige a vós, desde o começo da viagem que vos deve conduzir a ele, o seu preceito: “Conhece-te a ti mesmo”. Este é um preceito difícil, pois este deus, como disse Heráclito, “nada esconde e nada revela, ele apenas aponta”. O que ele aponta para vós? (NIETZSCHE, s/d, p. 176).

Organizar o caos, para Nietzsche, significa deixar de repetir e imitar o passado e ver em si uma nova e melhor forma de cultura, um princípio de organizar e estruturar as coisas: “a concepção de uma cultura em que se realiza o acordo entre a vida e o pensamento, entre a aparência e o querer”. (Idem, p. 177). Ortega y Gasset, por sua vez, vê no constante vir a ser da concepção dialética heraclitiana a possibilidade de se superar a visão cientificista de mundo. Esta visão herdada do eleatismo, conforme pensa Ortega, condena o homem moderno a ter uma visão baseada em uma razão do idêntico, de algo que é fixo, estático e previamente definido, na qual se procura conceber uma história a partir da “invariabilidade das leis da natureza”. “Para falar, portanto, do ser-homem temos que elaborar um conceito não-eleático do ser, da mesma forma que foi elaborada uma geometria não-euclidiana. É chegada a hora de que a semente de Heráclito produza sua grande colheita.” (ORTEGA Y GASSET, 1982, p. 44).

Encontramos nesses dois filósofos, então, não apenas uma crítica ao historicismo e à filosofia da história, mas uma forma de superá-las sem necessariamente negá-las em sua totalidade. Deparamos nesses autores um reaproveitamento de ambas as correntes, denunciando o que de falho existe nelas e afirmando o que há de positivo e útil para a história. História que não deve ser vista como o mero estudo do passado, mas sim como uma

ferramenta a serviço da ação humana, na visão de Nietzsche; ou como a ciência do mais atuante presente, na visão de Ortega y Gasset. Em suma, o estudo do passado parte antes de tudo de uma reflexão sobre as necessidades constituintes do presente (que se sistematizam mediante uma gama de experiências adquiridas do passado, que não deve ser um passado distante e sim um passado que constitua o presente do ser humano). Somente partindo desta ação do presente sobre o passado é que poderemos, então, elaborar um projeto de futuro, de destino para a humanidade.

Em última instância, podemos dizer que os dois autores compreendem o caráter criador da história como forma de dar sentido à realidade humana. Discordam, entretanto, na função desta enquanto produtora de sentido. Se em Nietzsche a história deve se utilizar de forças a-históricas e supra-históricas para esquecer parte do passado – já que o excesso de memória é prejudicial ao ser humano e, simultaneamente, dá um caráter de eternidade à existência como uma forma de combater o devir histórico, em Ortega y Gasset é justamente no devir, no vir a ser constante da existência humana que se encontra o fator positivo dos estudos históricos. Os estudos históricos devem não lembrar o passado, mas despertar a razão histórica, exacerbar a diferença entre o presente e o passado como uma maneira de identificar elementos constituintes da gênese humana, como a possibilidade de não aceitar “nada como simples fato, senão que fluidifica qualquer fato no *fieri* do qual convém: vê como o fato é feito.” (ORTEGA Y GASSET, 1982, p. 55).

ABSTRACT

This paper proposes a dialogue between the vision of history present in the works *II Consideration untimely: the usefulness and the inconvenience of history to life*, Friedrich Nietzsche, and *History as System*, Ortega y Gasset. We aim from these texts, outline the relationship between the daily experiences and their relation to the historical building in the design of these authors. Beyond the mere confrontation between two different ways of thinking, we try to show how they conceived a notion of history that did not refer merely to the past but, above all, the present and the future projection possibilities.

Keywords: Theory of History; Historicity; Nietzsche; Ortega y Gasset.

REFERÊNCIAS:

BERLIN, Isaiah. “Liberta-te da esperança e do medo”. In: *A busca do Ideal: uma antologia de ensaios*. Tradução de Teresa Curvelo. Lisboa: Editora Bizâncio, 1998. (pp. 141 a 168).

JAGUARIBE, Hélio. “Ortega: circunstância e pensamento”. In: *História como Sistema. Mirabeau ou o político*. Tradução de Juan A. Gili Sobrinho e Elizabeth Hanna Côrtes Costa. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1982. (p. 03 - 25).

JASS, Hans Robert. *A teoria da literatura como provocação à teoria literária*. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Editora Ática, 1994.

NIETZSCHE, Friedrich. “II Consideração Intempestiva: sobre a utilidade e o inconveniente da história para a vida.” In: *Escritos sobre história*. Tradução de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Editora Loyola; Editora OUC-Rio, s/d.

ORTEGA Y GASSET, José. “História como Sistema”. In: *História como Sistema. Mirabeau ou o político*. Tradução de Juan A. Gili Sobrinho e Elizabeth Hanna Côrtes Costa. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1982. (p. 27 - 55).

ROHDEN, Luiz. “A experiência como princípio da hermenêutica filosófica”. In: *Hermenêutica filosófica: Entre a linguagem da experiência e a experiência da linguagem*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002. (p. 25 - 108).